WILLY REUTER
O ENGANO DO OLHAR

ArturFidalgoGaleria

A exposição de Willy Reuter focaliza um conjunto de suas esculturas recentes e pinturas. Essas obras apresentam elementos fragmentários que se superpõem através de disciplinado e meticuloso exercício de ateliê, quase artesanal, como se tatuasse a realidade que habita o seu imaginário. Ao adentrar o núcleo de sua poética, percebemos que ela incide no seu caráter híbrido, protagonizado por vizinhanças súbitas, sem aparentemente ter uma relação entre si, mas que desestabilizam o nosso olhar.

Formado em arquitetura, passa a frequentar a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro. Willy desenvolve suas experimentações artísticas com obras compostas por objetos ambíguos que adicionam fragmentos em um outro objeto, reativados em uma nova ordem. O objeto original perde a sua aparência natural, fica desprovido de seus usos anteriores e reconfigurados em outra composição pelo acréscimo de elementos díspares, de origens diversas e adentramos, então, nos recantos de uma realidade ampliada.

Essas obras adquirem características híbridas ao renunciar as formas previsíveis, pois nascem de encontros inesperados com múltiplas possibilidades de interpretação, geram uma rede de estranhamento com matriz de acentos surrealistas. Nesse descompasso entre objeto original e suas novas sedimentações densamente populosas, cada elemento parece se manter isolado, porém conivente e passa a adquirir a aparência de verdadeiros objetos pictóricos, uma superfície coberta de signos e códigos a serem decifrados.

O artista desenvolveu uma investigação estética sobre o estilo manuelino, desenvolvido durante o reinado de D. Manuel I em Portugal, e utiliza esse passado cultural como motivo de suas obras. Os diferenciados elementos desse período repleto de navegações ultramarinas, como cordas entrelaçadas, conchas, ondas ou a fauna e a flora tropical, são os protagonistas dessa orquestração de materiais, agora acrescentados a uma nova dimensão plástica ao objeto original, provocando outras possibilidades de leitura do seu exuberante mundo visual.

A história como tema de reflexão estética traz mundos desconhecidos e oníricos, que inclui os seus minuciosos trabalhos sobre papel, criando um prolongamento dos ritmos de cada elemento ali agregado, estabelecendo conexões com as simbologias de um universo fantástico. Conforme celebra David Lowenthal no seu livro The past is a foreign country (1985) [O passado é um país estrangeiro], a função fundamental da memória não é preservar o passado, mas adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente.

Imersos em um turbilhão de histórias, esses acréscimos adquirem uma função de alicerçar memórias, ancoradas no cancelamento do objeto original, que se esvai pelo acréscimo de outros elementos que irão movimentar toda a superfície da obra. Seu trabalho se solidifica e traz um paradoxo visual, pois cada fragmento, deslocado em suas distâncias espaciais, não possibilita uma comunicabilidade imediata, como se agora guardassem pequenos segredos. Marcel Duchamp mencionava que, na linguagem dos surrealistas, é absolutamente necessário um novo pensamento para o objeto, pois se revelam contrários a qualquer lógica.

Essa linha tênue entre a realidade e a ficção, essa incongruente fusão de objetos díspares, agora utilizados na composição de novas imagens com outros conceitos, provoca uma disjunção, um sentimento de pluralidade do mundo real. Aproximar e combinar elementos contrários em uma unidade, apresentada agora como uma só ordem de relação, se revela como o resultado de um processo objetivado e, ao mesmo tempo, carregado de emoções subjetivas que compõem uma cartografia muito pessoal, um microcosmo. Essa intensidade pulsional questiona os paradoxos da vida e as dimensões da existência estética.

Vanda Klabin
Setembro 2025